



ARMANDO, EPISCOPUS ANGRENSIS

Diocese de Angra

*Homilias – Mensagens – Comunicados – Reflexões - Notas
Pastorais – Decretos – Nomeações – Provisões – Cartas Pastorais*

HOMILIA DO BISPO DE ANGRA, NA TRIGÉSIMA OITAVA EDIÇÃO DAS GRANDES FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DA NOVA INGLATERRA

Igreja do Espírito Santo | Fall River (EUA) | 25 de agosto de 2024

Todos Insubstituíveis

1. É uma bênção participar desta assembleia litúrgica, presidida por Sua excelência o Senhor D. Edgar, a quem saúdo fraternalmente, e nele, com muita amizade e em nome da diocese de Angra e Ilhas, vos saúdo a todos. Imaginareis quantas pessoas me disseram que aqui tinham família... Acomuna-nos uma referência cultural das origens, essa indelével açorianidade que não deixa esquecer onde nascemos, a educação e valores humanos incutidos na família, a fonte batismal onde fomos mergulhados e recebemos o Espírito Santo, nem esquecer a fé dada como alimento juntamente com o leite materno. Esta Eucaristia com a coroação e procissão, seja o cume destas grandiosas Festas em honra do Divino Espírito e a todos traga alegria, harmonia e paz.

Uma saudação muito particular a toda a Comissão de Festas na pessoa do Sr Herberto e aos voluntários que animam as diversas atividades. Saúdo os representantes do estado português, diplomatas e membros do Governo Regional e autoridades deste grande país que nos acolhe. Saúdo autarcas dos 2 países, membros de instituições políticas, associações culturais e outras.

Deixai que vos fale do que já vivi, em 2 episódios: perguntaram-me se um belo doce se chamava filhós ou massa sovada. Vendo as largas dezenas de pessoas a fabricá-las, o dia inteiro e todo o tempo das festas, gente que não espera outra recompensa que não seja o bem dos outros, tenho que dizer: “não importa o nome, mas o sabor, e sabem mesmo muito bem, sabem ao amor com que são feitos. Assisti também ao cortejo etnográfico. Não me consegui fixar na beleza exterior, mesmo se vi coisas lindíssimas. Vi a motivação e trabalho de pessoas em grupo, de irmandades, associações e filarmónicas que se prepararam e inspiraram no Divino Espírito Santo para dar o melhor. Pensei em quanto bem faz a crianças, jovens e adultos este trabalho conjunto e intergeracional, quando nos queixamos da dificuldade de motivar os mais novos. A fé, hoje, aprende-se fazendo experiência, aprende-se com a mente, mas também com o coração, porque é ao coração que o Espírito Santo se dirige, sem precisar de palavras.

Estou pela primeira vez convosco! É preciso vir para contar. É impressionante como me sinto em casa, como se efetivamente fosse mais uma ilha do nosso Arquipélago. Parabéns, caros amigos e queridas amigas – deixai que vos trate assim – pelo vivido aqui dentro deste templo, mas também pelo experimentado lá fora. Entendo o que diz o grande Miguel Torga, a “insularidade é uma situação, não uma condenação... (Torga, 1973). Somos portadores de uma insularidade que não nos mete medo nem limita, apenas nos ajuda a ser o que devemos ser: conscientes dos limites, mas ilimitados nos sonhos. Diz ainda Miguel Torga: “Insular é a situação do próprio globo terrestre em relação ao universo! O que

são as viagens à lua, senão tentativas de fuga à insularidade da terra?”. O próprio Jesus viveu esta insularidade: também Ele saiu da Santíssima Trindade e trouxe para o convívio entre os homens a marca trinitária do ser de Deus para deixar como modelo aos seus discípulos. A nós. Veio ensinar o amor ao próximo, a potência do amor recíproco e a responsabilidade social do crente comprometido. Ele deixou-nos as marcas deste encontro entre Deus e o homem. Compete a nós entender e viver esta “mística do encontro” para sabermos viver a escuta, o acolhimento, a capacidade de colaborar, de procurar juntos e percorrer percursos comuns. Nestas festas, dizemos mais “nós” do que “eu”, porque o encontro entre cristãos não gera só um belo coletivo, permite o encontro com o Senhor Ressuscitado que nos prometeu o seu Espírito Santo e nos faz “um só como Ele e o Pai”.

2. Leram-se hoje as Leituras do Pentecostes, que São João Crisóstomo designava como "*a festa central do culto católico*". Chama de imediato a atenção a palavra "TODOS". "Quando estavam todos reunidos"; Todos ficaram cheios do Espírito Santo". dizia a primeira leitura. Ou ainda: "é o mesmo Deus que opera tudo em todos", e "todos nós fomos batizados num só Espírito" e "a todos nos foi dado a beber um único Espírito". Não apenas alguns, mas todos! A devoção e costumes próprios destas festas, mostram como o Espírito Santo é de todos, rompe mesmo algumas aparentes barreiras criadas pela tradição ou leis canónicas. Como naquele dia de Pentecostes, precisa-se uma fé genuína que ilumine a vida e o agir; uma fé que mostre uma Igreja que, como nas origens, seja capaz de sair das portas do templo e ter uma linguagem inclusiva e percebida por todos. Muito da evangelização passa hoje pela dimensão cultural e dialogante, pela escuta do outro e daquilo que pode trazer ao bem de todos. Embora aberta a todos, a Igreja será sempre uma Igreja do testemunho contra a corrente. Nunca será cómodo, plausível, óbvio ou inócuo ser cristão. Este Evangelho convida a surfar esta "onda do Espírito" e acreditar ser possível construir entre os homens a fraternidade universal já inscrita no relato do Pentecostes. Daqui um apelo: acreditai nos dons que recebestes e desenvolvei-os. Nunca fecheis os olhos diante de alguma situação de ausência de Deus. Correi aí, porque Ele está lá e sempre esteve.

Nestas Festas há ainda uma dimensão a que me atrevo intitular de trinitária. Não falo apenas na celebração da Eucaristia em que cada oração é expressão da nossa fé trinitária – no Pai, Filho e Espírito Santo. Não. Falo desta sinfonia de reciprocidade de dons. A sociedade precisa desta lógica trinitária para se humanizar, de uma espiritualidade transbordante que não dê lugar a discriminações, não admita a pobreza, a miséria, a fome ou as desavenças. Se existem pobres e miseráveis, sentam-se à mesa conosco, são coroados por nós e envolvidos numa fraternidade sem limites de crença, raça ou condição social. Estas festas recompõem profeticamente aquela humanidade nova, fraterna e universal que caracterizou as comunidades cristãs das origens e deveria iluminar as atuais.

"Recebi o Espírito Santo. Ide, eu estarei convosco até ao fim dos tempos". O sucesso nasce como missão. Yves Congar, um dos maiores estudiosos do Espírito Santo diz que Ele pode ser comparado "*a um diretor de teatro. Ele guia o drama da salvação no palco da história... Com o Pentecostes, Jerusalém explodiu para o mundo inteiro*". O Espírito, portanto, não só enche o coração do batizado e é a alma da Igreja, mas difunde-se e tende a impregnar de si toda a humanidade". Do dom do Espírito Santo participa o universo inteiro. Por caminhos impensáveis, o Espírito Santo percorre a história do mundo e, para usar uma expressão do livro dos Provérbios, "*deleita-se no globo terrestre*" (8,31). Toda a realidade está imersa no oceano de amor do Espírito, que procura penetrar em toda a parte e se infiltra em cada célula humana. Quanto aos homens, deixam-se impregnar por ele de forma desigual.

O teólogo protestante Karl Barth diz do Espírito Santo que "é impossível falar dele, mas também é impossível Dele não falar. É impossível calar sobre Ele, porque sem Ele: "*Deus está longe, Cristo*

permanece no passado, o Evangelho é letra morta, a Igreja uma simples organização, a autoridade uma dominação... a ação cristã uma moral escrava".

Sempre que quisermos fazer das estruturas da Igreja algo meramente humano, sem espírito Santo, erramos. Precisamos de fazer como o povo açoriano e nós aqui: falar do Espírito Santo, festejá-lo com espontaneidade, verdade e sentimento, fazê-lo de nossa casa e do mundo.

O mundo de que falo não é um mundo de fantasia, é o nosso mundo, com as suas tragédias, os seus dramas, as suas esperanças... É o mundo vítima da grande tentação de ser autossuficiente, vítima do orgulho coletivo que pretende marginalizar Deus, acreditando sentir-se mais livre. É o mundo que deseja a justiça, o verdadeiro progresso, a paz, que tem consciência dos seus vazios e insuficiências, que experimenta a sua fragilidade e o seu sofrimento. Pois bem, o Espírito Santo é um vento que sopra e tem a missão de "agitar" tanto a Igreja como o mundo, para que se abram a Deus, que quer que todos os homens se salvem (cf. 1Tm 2,4).

Que o Espírito Santo a todos encha dos seus dons e diga que, nestas festas na Igreja e na sociedade onde a Igreja está, **ninguém é substituível**. O seu papel ninguém o fará!

Vinde Espírito Santo. Animaí os vossos fiéis e renovai a nossa terra. Viva o DES.

+ Armando, Bispo de Angra